

O DIA DE ÁFRICA

por Mário Soares

Passou ontem o dia de África - 23 de Maio - comemorado mais ou menos discretamente em todo o Mundo, a pedido das Nações Unidas e com a cooperação das diversas organizações internacionais africanas.

Sessenta anos depois do fim da guerra mundial. Foi, efectivamente, no pós-guerra, com a vitória do governo dos trabalhistas, sob a liderança de Clement Attlee, que se pôs para os governos colonialistas - essencialmente o Reino Unido e a França - a necessidade de promover a descolonização dos seus vastos territórios colonizados. Na verdade, os outros vencedores da guerra - a América, a União Soviética e a própria China - não tinham, teoricamente, colónias e, talvez por isso, estimularam fortemente o movimento da descolonização.

Os trabalhistas concederam a independência à Índia, a jóia da Coroa britânica, então sob a liderança do grande Gandhi e, depois, de Nehru, o que criou um grande mal estar à França - nos enclaves indianos sob tutela francesa, que anos depois seguiu o exemplo inglês - e a Portugal que, teimosamente, não aprendeu nada com as experiências inglesa e francesa, com os resultados desastrosos que são conhecidos. Uma mancha na nossa história plurissecular!

Foi, porém, em África que as coisas se complicaram mais, tanto para a Inglaterra, no Quênia, por exemplo, como para a França, no Congo Brazzaville, na África Ocidental e, finalmente, na Argélia e também para a Bélgica, no Congo Kinshasa. As hesitações indesculpáveis das democracias europeias, mesmo depois da independência da Indonésia e da realização da Conferência de Bandoeng - que fez doutrina em matéria de descolonização e de terceiro-mundismo - complicaram singularmente alguns processos de descolonização quando os podiam, e deviam, ter simplificado.

Portugal, infelizmente, isolado e à parte do movimento político mundial, só acompanhado pela África do Sul, sob o odioso regime do apartheid, ficou indiferente aos chamados "ventos da história". Salazar cometeu, assim, um dos maiores erros políticos da sua longa carreira de ditador, julgando que podia resistir ao movimento universal da descolonização, esquecido e ignorado no seu canto. Não pôde. Os treze anos de guerra colonial acumularam mortes, sofrimentos, devastações, ódios e ressentimentos. Constituíram, como hoje é evidente, uma longa ocasião perdida, com irreparáveis perdas humanas e materiais, de ambos os lados. Só serviram para agravar ainda mais uma situação muito difícil, sem qualquer vantagem para ninguém.

A descolonização portuguesa, poderia ter sido muito diferente: se tivesse sido negociada a tempo e pacificamente, nas melhores condições, seguindo a tradição inteligentíssima que criámos, após a Revolução Liberal, no Brasil. Mas não. Quando a Revolução dos Cravos derrubou, finalmente, o regime ditatorial de Salazar e de Caetano, porque os "Capitães de Abril" se convenceram que não havia "solução militar" para aquelas guerras e os políticos do anterior regime não tinham sido capazes de encontrar uma solução política, a situação, tanto no Continente como nas Colónias, estava imensamente degradada e a única saída possível era negociar a paz com as forças que nos resistiam e queriam a independência. Foi o que fizeram os governos de Abril - aos quais me honro de ter pertencido - com rapidez e determinação, enfrentando os sacrifícios necessários. De acordo com a linha de orientação das Nações Unidas, salvaguardaram-se os interesses legítimos de Portugal e estabeleceram-se relações fraternas com os países africanos lusófonos, cujas independências se reconheceram.

Trinta anos são passados sobre o tempo da descolonização, quando os "retornados" protestavam - mas foram de seguida completamente absorvidos e socialmente reintegrados - e os estudantes gritavam nas ruas: "nem mais um soldado para as Colónias!" Não foi um tempo fácil. Mas foi um tempo de responsabilidade em que, com dignidade, se salvaguardou o que era legítimo -

e possível - salvaguardar: o português, como língua, e os laços fraternos com as populações africanas e os seus governos.

Comparando com as experiências alheias - e tendo em conta o atraso e a situação crítica em que Portugal se encontrava, sem aliados e sem meios económicos para continuar as guerras - podemos dizer que Portugal retomou rapidamente o seu caminho e prestígio, na cena internacional, abrindo muito melhores perspectivas para os seus filhos.

Veio tudo isto a propósito do dia de África. Um Continente que desde as descolonizações se encontra à deriva: mergulhado na miséria, frequentemente com governos incapazes e, em alguns casos, corruptos, envolvido em guerras fratricidas, sujeito a pandemias de consequências terríveis, como a SIDA, com lutas étnicas que já se têm saldado por verdadeiros genocídios.

Um escritor francês muito conhecido, René Dumont, escreveu há trinta anos um livro profético intitulado (cito de cor): "L'Afrique noire est mal partie". Com efeito...

Apesar das independências terem aberto caminho ao aparecimento de elites ilustradas e competentes - apesar do sistema desumano do apartheid ter desaparecido sem efusão de sangue, apesar de África ter produzido grandes figuras políticas como Nelson Mandela, Senghor, Houphouët-Boigny, Nyerere, Amílcar Cabral, etc. - havemos de reconhecer que o movimento geral de descolonização não deu, até agora, os resultados por que ansiavam os que nele acreditaram.

Uma razão mais para se comemorar o dia de África e se reflectir sobre o futuro desse belíssimo Continente, berço da humanidade. Para se reflectir nas responsabilidades dos países desenvolvidos - da Europa e da América - em tempo de globalização neo-liberal. Para se exigir solidariedade e justiça para as populações africanas, nossas irmãs.

Foi o que se fez ontem na sede da Fundação Portugal África, no Porto, no interessantíssimo Seminário intitulado - "África: novas perspectivas e oportunidades". Contou com as presenças dos Embaixadores africanos acreditados em Portugal, da Senhora Ministra do Comércio e Indústria da República da África do Sul, Dra. Benedicta Hendricks, do jovem e activo Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Prof. João Gomes Cravinho, do Vice-Presidente da Câmara do Porto, Dr. Paulo Morais, do Dr. Artur Santos Silva, de Alain Muiser, embaixador do Luxemburgo, em representação da Presidência da União Europeia e do responsável da Comissão Independente para África de apoio aos Países do G8 e da U.E., Ian Richards, que acaba de lançar o relatório "Our Commun Interest" e com muitos professores e estudantes africanos - e não só - das Universidades do Porto. Foi um Seminário que culminou numa jornada pelo Douro dos embaixadores africanos em Portugal, que constituiu um êxito, devido em grande parte ao trabalho infatigável do Vice-Presidente da Fundação Portugal África, Prof. Doutor Carvalho Guerra.

É preciso, na verdade, alertar a opinião europeia para a situação crítica de África. O relatório agora apresentado entre muitas outras coisas chama a atenção para os objectivos do Milénio que apontavam para a erradicação da pobreza até 2015. Ora se tudo continuar como até aqui - acentua o referido relatório - os objectivos programados em 2000 talvez possam ser atingidos em 2150... Estaremos a brincar com o Mundo?

Mário Soares

Lisboa, 24 de Maio de 2005